

GARÁGUA

Punição exemplar

O assalto e destruição do acampamento inimigo em Garágua (Província de Manica) é o ponto mais alto das operações militares desenvolvidas com êxito pelas Forças Armadas de Moçambique (FPLM), durante os últimos meses, contra os agentes armados da contra-revolução.

Texto: Arlindo Lopes ● Fotos: Kok Nam







DEPOIS DE MOSSURIZE GARAGUA

Segundo informações anteriores, confirmadas pelos documentos e elevada das quantidades de material de guerra capturado pelas forças de Defesa e Segurança, aquando do assalto realizado no passado dia 7, Garágua era o principal centro de coordenação das acções criminosas da auto-intitulada Resistência Nacional Moçambicana (uma das pontas de lança do regime sul-africano em território nacional), depois da destrui-

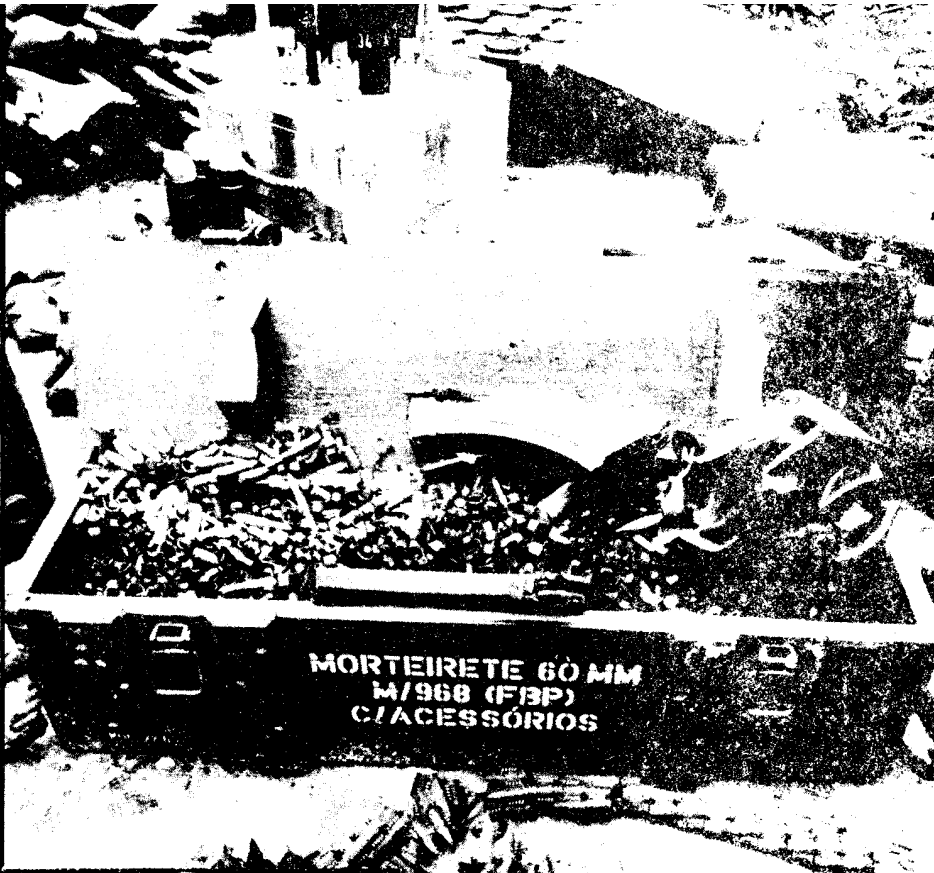
ção do anterior acampamento nas montanhas de Mossurize, em Julho de 1980.

A expulsão dos mercenários e seus apaniguados deste aquartelamento, situado a meia centena de quilómetros da fronteira com o Zimbabwe e relativamente próximo da República da África do Sul é um golpe profundo na estratégia sul-africana de instalar bases dentro do nosso País, para melhor dirigir as suas acções de desestabilização interna da República Popular de Moçambique e sabotar o projecto de libertação económica dos

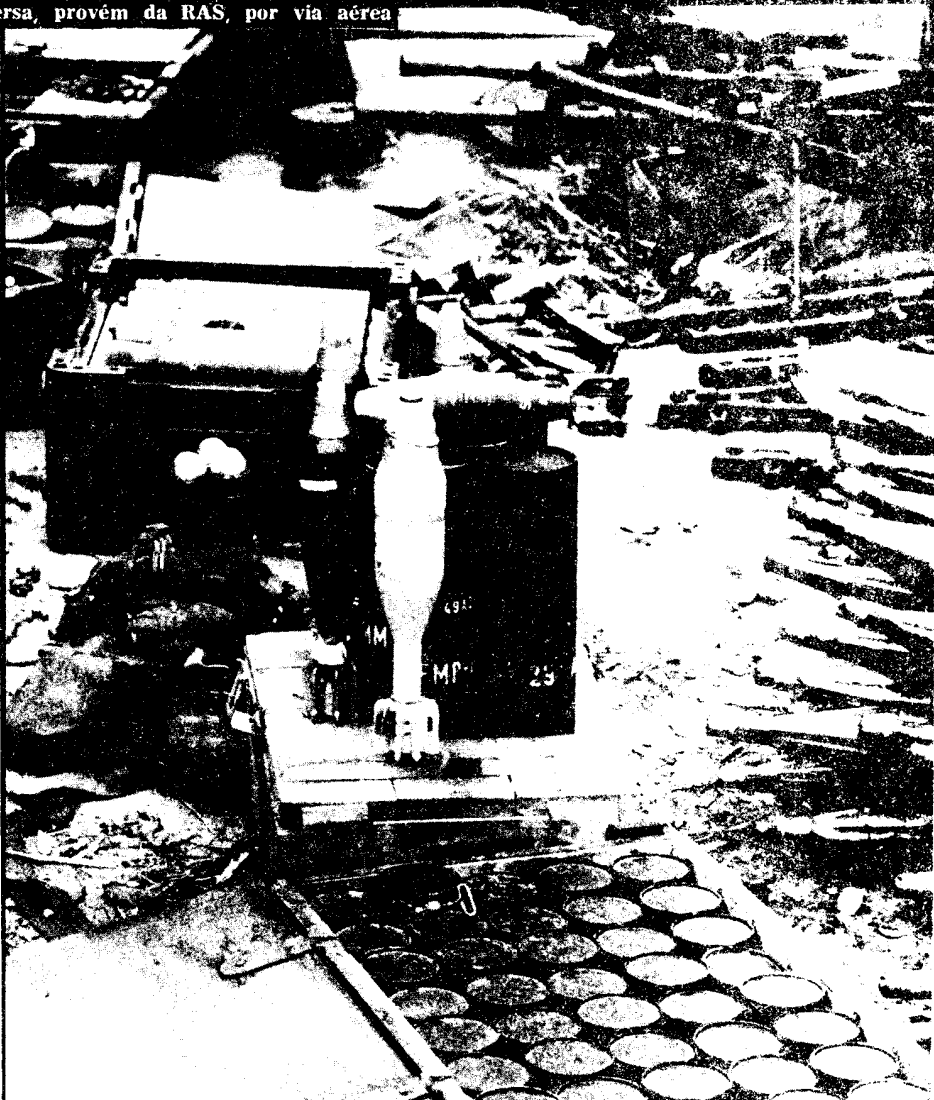
países da região em que nos inserimos.

Não há parcela dentro da República Popular de Moçambique onde não possamos ir desalojá-los — disse-nos, a-propósito, um alto responsável das Forças Armadas de Moçambique. «Punição» é a palavra de ordem assumida pelas Forças de Defesa e Segurança e é também o nome porque é conhecida a operação militar ainda em curso.

Entre os militares e elementos da Segurança moçambicana que encontramos em Garágua, a alegria é visí-



Parte do material de guerra capturado ao inimigo. O armamento, de origem diversa, provém da RAS, por via aérea



vel e contagiante. E, não é sem razão. Há algum tempo que as Forças de Defesa e Segurança combatem os agentes armados da RAS que têm praticado vários crimes em diversas zonas do centro do País, aterrorizam as populações e destroem bens económicos. Os exemplos mais recentes são as sabotagens das pontes ferro e rodoviária, próximo da Beira, e das bóias marítimas à entrada do porto da mesma cidade.

Durante a guerra de libertação do Zimbabwe, tentaram instalar um posto de comando na Gorongosa e foram



**Em cima: Parte dos
tambores de 200 litros de
combustível para
helicópteros
apreendidos
no acampamento**

varridos. Pouco tempo depois da queda do regime de Ian Smith (criador e protector dos grupos da «África Livre»), quiseram permanecer nas montanhas de Mossurize. De novo foram rechaçados. Agora tinham-se concentrado em Garágua, a sudoeste do lugar anterior, perto do Rio Save e da fronteira com o Zimbábue e a África do Sul.

Uma vez detectados novamente, graças à participação da população local, as Forças de Defesa e Segurança decidiram não lhes dar descanso, começando a «limpeza» da zona onde se encontram dispersos alguns bandidos armados, no distrito de Mossurize.

AÇÃO EXEMPLAR

Os resultados da acção em Garágua mostram que foi um trabalho planificado e coordenado, entre os diversos ramos das forças armadas que permitiu tão importante lição. Logo no primeiro dia do ataque, (dia 5) a aviação militar atingiu e destruiu o centro de comunicações do campo criando o pânico entre os cabecilhas e outros ocupantes de Garágua que trataram logo de fugir. No segundo dia, a artilharia pesada atingiu o depósito de armamento e munições, entre outras instalações militares, provocando explosões durante cerca de quatro horas.

Onde antes havia construções improvisadas, restam cinzas (apenas

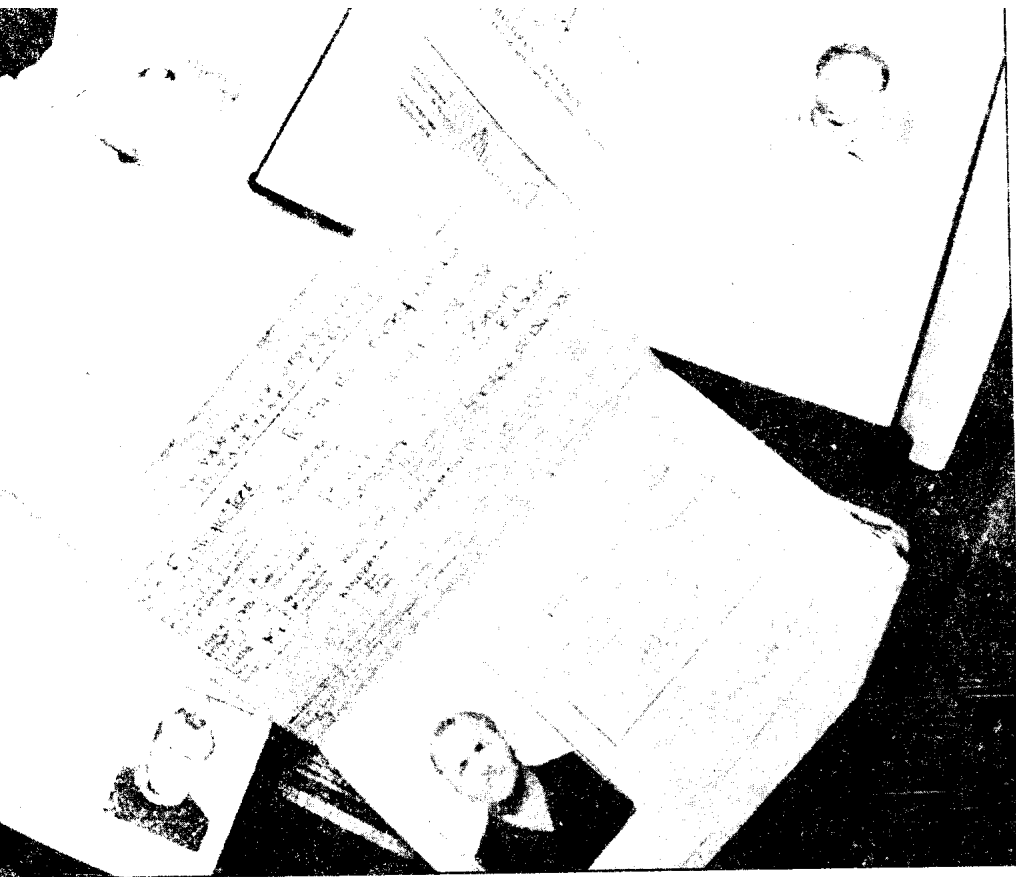
83 de cerca de 330 cabanas ficaram em pé), mais de cinco centenas de espingardas-metralhadoras AKM ficaram destruídas pelo fogo, delas restando apenas as partes metálicas. Por todo o terreno, espalham-se munições, granadas e explosivos... Apenas uma parte do material foi recolhido intacto (obuses de morteiro 60, B10, morteiro 82; rádios transmissores-receptores RACAL, munições, etc) a maior parte do qual estava enterrado em depósitos subterrâneos ou nas fossas.

Encontrámos aqui apenas um grupo de reconhecimento inimigo que nem sequer teve coragem de abrir fogo, disse-nos o comandante da primeira unidade militar a entrar no acampamento. Mas durante a progressão, um efectivo inimigo calculado numa companhia atacou uma das subunidades das FPLM, tentando impedir o seu avanço em direcção a Garágua. O ataque foi repellido tendo o inimigo sofrido seis mortos confirmados e perdido armas.

Foi o combate mais importante até agora — diz Bernardo Canhese, comandante da força das FPLM envolvida — **porque conseguimos rechaçar a principal força de defesa avançada da base. Batemos e aniquilámos o inimigo, tendo-lhe movido perseguição durante mais de dois quilómetros.** Quando este grupo alcançou as primeiras sentinelas em redor do acampamento pelo Sul, as unidades

**Restos do que foi a casa
do cabecilha dos grupos
da «África Livre»
em Garágua, destruída
pela artilharia
das FPLM**



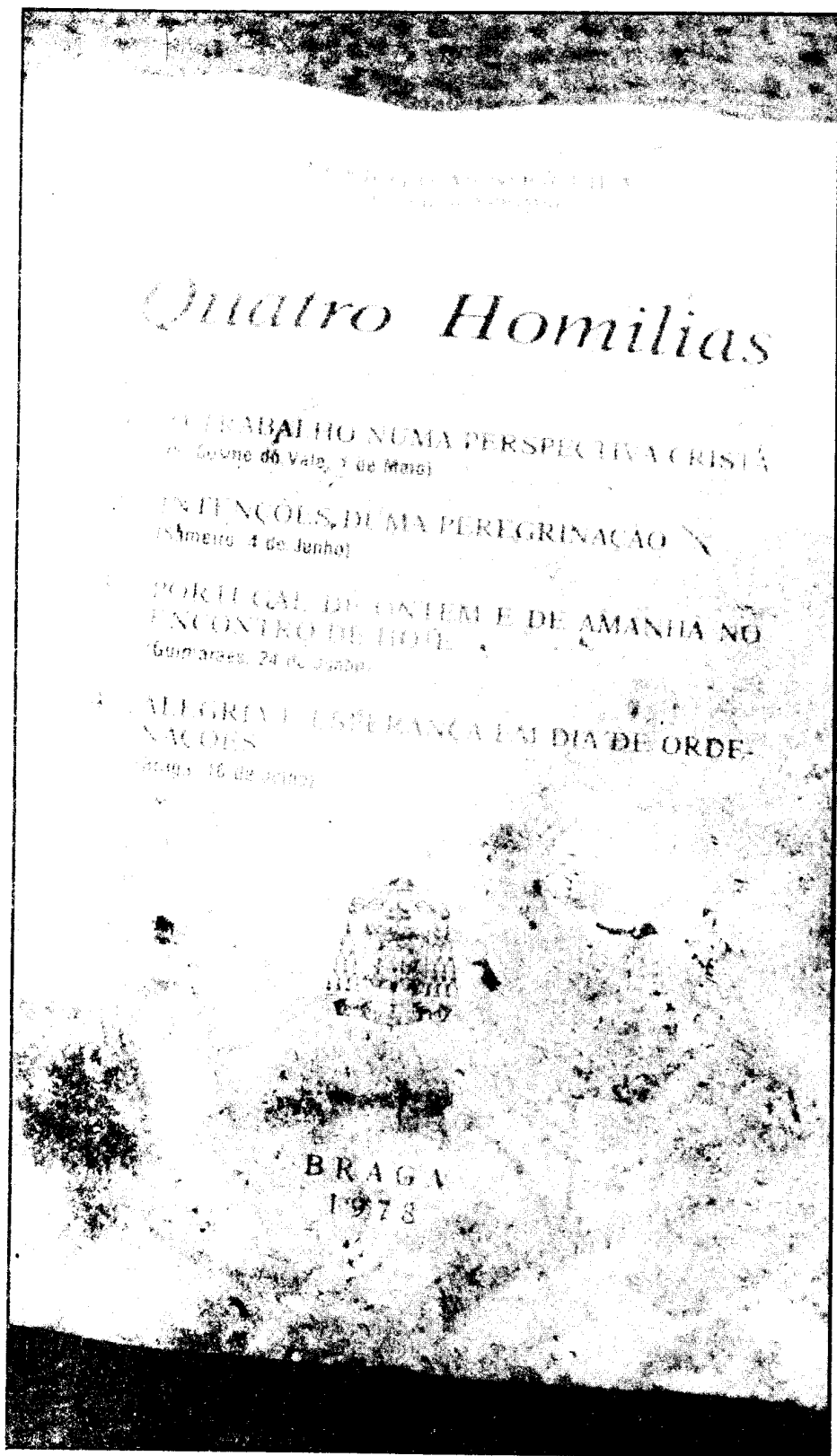


Entre os documentos capturados, quatro passaportes pertencentes a indivíduos de nacionalidades sul-africana, malawiana e portuguesa

de infantaria motorizada já tinham realizado o assalto final. O comandante afirma ter visto nos trilhos, armas e **saducús** abandonados, o que demonstra a fuga precipitada e desordenada dos ocupantes do campo. Foram ainda descobertos alguns cadáveres numa das margens do riacho que atravessa Garagua.

O acampamento possui uma localização estratégica importante, com defesas naturais constituídas por numerosas colinas em redor. A zona praticamente não tem população, nem vegetação abundante. A sua escolha para local da base parece ter sido além das condições de segurança dadas pelo relevo, a sua relativa proximidade da África do Sul. Conforme já foi publicado, aviões sul-africanos violam frequentemente o espaço aéreo moçambicano naquela região para abastecer os grupelhos da «África Livre» e transportar mercenários para alcançarem os seus objetivos. Os sul-africanos não hesitam também em violar o espaço aéreo do Zimbabwe.





Reprodução da capa de uma brochura religiosa oferecida ao grupelho contra-revolucionário pelo arcebispo de Braga, Eurico Dias Nogueira, e que foi encontrada no campo

A direita: As operações militares que permitiram a localização e posterior destruição do acampamento inimigo só foram possíveis graças à colaboração popular. Na imagem um habitante da zona que conhecia o campo inimigo



Soldados das FPLM, que participaram nas operações, preparam uma refeição ligeira no acampamento de Garágua



UM TAL CORONEL NIKERK

Os documentos apreendidos em Garágua, confirmam quanto tem sido dito sobre a natureza da chamada «Resistência» e os objectivos a que a África do Sul se propõe atingir com a sua utilização. Um dos documentos é uma acta de um encontro entre delegações da RNM e do governo sul-africano indigitado para contactos preliminares relacionados com o reabastecimento de material, e situação política e apoio prestado à RNM. A dado passo deste documento, assinado pelos cabecilhas da contra-revolução armada, lê-se que o coronel Van Nikerk, representante do governo sul-africano, informou que os sul-africanos têm dificuldades de continuar a fazer o abastecimento por via aérea, tendo sugerido depois que o mesmo passasse a efectuar-se por via marítima, através do Oceano Índico, via que os sul-africanos consideram mais fácil. Não se diz se tal mudança se deve ou não ao reforço das medidas de segurança tomadas pelas autoridades moçambicanas e zimbabweanas para impedirem as violações da fronteira, mas o documento refere que o regime sul-africano gasta largas somas de dinheiro para apoiar os seus fantoches.



O comandante das primeiras unidades das FPLM a entrar no acampamento descreve à Informação o desenrolar das operações

Em tom sempre paternalista, o coronel sul-africano prossegue dizendo que é necessário **disciplinar os soldados ter cuidado com as comunicações** para evitar que o governo moçambicano continue a acusar o **envolvimento sul-africano no apoio à RNM** e determina as acções operacionais futuras: **a destruição do pipe-line Beira Feruka; interrupção do tráfego ferroviário de Malvênia a Gwelo e do tráfego rodoviário no troço Inchope-Vila Franca do Save; a criação de condições de distúrbios nas principais cidades e abertura de novas frentes.**

As únicas intervenções do cabecilha do grupo fantoche na reunião, segundo o documento, foram para dar informações sobre os seus efectivos ao coronel Van Nikerk e pedir mais **instrutores militares principalmente para acções de sabotagem.** Particularmente útil no assalto a Garágua foi ainda a captura de três passaportes (dois sul-africanos, um português e um malawiano), que atestam o envolvimento de mercenários. Aliás, próximo do «comando», do acampamento existiam instalações para estes indivíduos, segundo informações dadas por indivíduos que viveram neste local.

Um outro documento importante é o relatório das viagens que o chefe do grupo contra-revolucionário efectuou a Portugal, Alemanha Federal e França, em busca de apoio. Em particular, é relatado o encontro com o Arcebispo de Braga e o respectivo cônego, Eduardo de Melo, os quais teriam manifestado simpatia e apoio. Os emissários sul-africanos pediram catequistas e padres, assim como apoio moral e a sua intercepção para que possam ser recebidos pelo Papa João II. Os eclesiásticos ofereceram-lhes livros religiosos, prometeram-lhes orações e uma informação sobre as suas intenções ao Papa.

PUNIÇÃO PROSSEGUE

A **Operação Punição** está, ainda em curso, visando a perseguição dos agentes armados em fuga, depois da destruição do acampamento de Garágua. **É preciso consolidarmos esta vitória,** diz o Major-General **Tomé Eduardo,** comandante das Tropas Guarda-Fronteira. **Não podemos permitir que o inimigo ocupe qualquer parcela do nosso País.**